

De volta ao MST

• El Niño e sua irmã mais nova, La Niña, podem voltar a pautar a campanha. O primeiro, com a possibilidade de agravamento da seca no Nordeste e da ocorrência de queimadas no sul da Amazônia. A segunda, com a ameaça de quebra da safra no Sul do país. Apostando que, depois da Copa, os eleitores vão tirar os olhos da TV e enxergar problemas que andavam esquecidos, os adversários de Fernando Henrique preparam a artilharia.

Luiz Inácio Lula da Silva já decidiu vincular sua agenda aos movimentos sociais. E o MST poderá ser o primeiro da lista. O movimento vai mostrar que a seca não acabou neste mês em que o desempenho da seleção foi a principal preocupação do Brasil. Ninguém se espante se os saques organizados, que viviam uma espécie de trégua desde meados de junho, voltarem a acontecer. A intenção é passar a idéia de que as medidas tomadas pelo Governo federal para amenizar os efeitos da seca — cestas básicas e frentes de trabalho — foram insuficientes.

Os dirigentes petistas são cautelosos e negam qualquer vinculação direta da campanha de Lula com as táticas do MST. Houve momentos até, no auge da fase dos chamados saques performáticos, em que o comando da campanha achou que os excessos poderiam arranhar a imagem de seu candidato e associá-lo à violência. Mas agora deixam claro que vão aproveitar a maré.

— A seca não acabou e nós vamos recuperar o debate sobre um governo incapaz de ter sensibilidade social. Vamos mostrar que Fernando Henrique não entende os problemas do povo. O que há, neste Governo, é só oportunismo eleitoral — diz o líder do PT na Câmara, Marcelo Déda.

Recuperar o debate seria, para o candidato do PT, voltar à situação eleitoral pré-Copa. Ou seja, àqueles dias em que Fernando Henrique, sob o efeito “seca-vagabundo”, aliado à lentidão do Governo na solução de questões como o incêndio em Roraima, amargava sua queda nas pesquisas. Enquanto isso, Lula capitalizava e crescia.

De lá para cá, alavancado por uma avalanche de medidas de cunho social anunciadas pelo Governo, Fernando Henrique virou o jogo, saiu do empate técnico e volta a se distanciar do adversário. É uma realidade. Ainda que, para Déda, isso tenha ocorrido à custa do que os petistas estão chamando de “o maior bombardeio de propaganda oficial da História da República”.

— O fato que nos preocupa é o crescimento de Fernando Henrique. Ele não cresceu nesse período em razão do debate eleitoral, mas falando sozinho. E nós ficamos sem um instrumento à altura para reagir — afirma o líder.

Seguindo esse raciocínio, os petistas afirmam que o candidato do PT, a rigor, não caiu. Mantém os mesmos patamares de antes. E consideram que a campanha começa mesmo é agora. A propaganda do Go-

verno está proibida e, em mais um mês, os candidatos vão debater no horário eleitoral.

A partir de agora, a oposição vai rastrear cada possível foco de insatisfação social, seja no efeito de fenômenos meteorológicos sobre a safra, nas condições de vida nas periferias das cidades, nos cartórios de falências ou no cheque especial da classe média.

Nessa estratégia, Lula vai colocar o dedo na ferida da campanha adversária. Que é bater naquele traço da imagem de FH, detectado nas pesquisas qualitativas, que não dá às pessoas a impressão de que entende seus problemas. “Quem não fez no primeiro, não fará no segundo” e “Quem conversa com números não tem sensibilidade social” são alguns dos slogans que estão na boca dos petistas.

Eles não vão perder nenhuma oportunidade. O candidato do PT aceitou o convite para participar do Grito da Terra, do Grito dos Excluídos, da Marcha pelo Brasil, eventos organizados pelo MST ou pela Contag, e do que mais aparecer em se tratando de movimento de protesto no país.

Fernando Henrique Cardoso sabe que entrou na etapa mais delicada da campanha, aquela em que não se permite mais erros. Por isso, todo o seu esforço a partir de agora estará concentrado em ações com objetivo exatamente inverso ao de Lula: não permitir que, nos próximos dois meses e meio, instale-se no país qualquer clima de efervescência envolvendo os movimentos sociais.

O Governo aprendeu com os erros do passado e está vigiando de lupa os possíveis focos de problemas. Se identificar no Nordeste, por exemplo, uma ameaça de agravamento da seca e retorno aos saques, vai se antecipar com novas medidas.

E La Niña pode não ter a mesma liberdade que teve El Niño para fazer suas travessuras. Se perceber que o fenômeno — que esfria a temperatura e provoca ondas de frio — ameaça a safra no Sul do país, o Planalto vai se sair com alguma ajuda aos agricultores.

Não há ainda ciência capaz de prever os fenômenos políticos da forma como a meteorologia faz com os atmosféricos. Por mais que o pessoal de Lula torça por acontecimentos que coloquem em xeque as políticas sociais do Governo e que a turma de FH se prepare para rebater, boa parte do que vai pautar a campanha até outubro está mesmo no terreno do imponderável. E a única certeza hoje é de que a bola já saiu do Stade de France.